

Blogosfera X campo jornalístico: aproximação e conseqüências

Leonardo Feltrin Foletto

A efetiva aproximação dos weblogs¹ com o jornalismo tem como marco inicial o ano de 2001. Embora ela já se rascunhasse alguns anos antes, com a criação dos primeiros blogs em meados da década de 1990, é em 2001, com os atentados terroristas às Torres Gêmeas do *World Trade Center* em 11 de setembro, que os weblogs passam a ter visibilidade para o grande público e, como conseqüência disso, passa a ser vislumbrada a função que eles poderiam ocupar no jornalismo. Autores como Blood (2002, 2003), Hiler (2002), Dovigi (2003), Gillmor (2004) e Orihuela (2005, 2006) consideram que, a partir dessa data, os testemunhos pessoais sobre determinados acontecimentos, situações ou lugares, que já correspondiam à grande parte da blogosfera, passaram a ganhar maior importância como informação de relevância jornalística; isso se dá em grande parte devido ao caos que se tornou a busca por qualquer tipo de informação sobre o que estava acontecendo nos locais dos atentados e também porque, do outro lado, havia pessoas no local que desejavam compartilhar suas histórias e, como diz Hiler (2002), “publicar a verdade”. Dan Gillmor, em entrevista a Andrews, afirmou que o caos que se instaurou no mundo todo com a intensa busca por informação sobre as vítimas do atentado foi o “ponto da virada” para o mundo dos blogs:

Nós tivemos uma explosão de testemunhos pessoais e públicos, e alguns deles eram bastante poderosos. Eu me lembro do velho clichê que dizia que os jornalistas escreviam o primeiro rascunho bruto da história. Bem, agora os blogueiros é que estavam escrevendo esse rascunho (Gillmor apud Andrews, 2006).²

Poucos meses depois, já se notava um crescimento significativo de blogs sendo usado como fontes de informação de relevância jornalística, fazendo com que eles, de alguma maneira, passassem a influenciar o jornalismo. Recuero (2003) diz que “essa influência se tornou muito mais clara a partir do início da guerra no Iraque [em março de 2003] com o aparecimento na mídia e no ciberespaço dos warblogs, blogs que têm como foco central a questão da Guerra, sob as suas mais diversas formas”. Os editores dessas páginas da web contavam o dia-a-dia da guerra sob o seu ângulo, personalizando a informação passada na *persona* do autor que as divulga, contrapondo-se com a visão objetiva e impessoal que o jornalismo tem como prática consolidada.

A partir de então, os weblogs com informações jornalísticas, produzidos por jornalistas ou não, passaram a ganhar espaço no jornalismo digital. E, naturalmente, esse crescimento provocou discussões sobre o real valor da informação postada nos blogs, já que muitos deles não se utilizavam dos procedimentos adotados pelo jornalismo praticado pela mídia tradicional.

¹ O conceito de “weblog” aqui utilizado é o definido por Alonso e Martinez (In: Díaz Noci; Salaverria, 2003): “Um meio interativo definido por cinco pontos: é um espaço de comunicação pessoal, seus conteúdos abarcam qualquer tipologia e são apresentados com uma marcada estrutura cronológica, o sujeito que os elabora pode usar *links* a outros sítios da web que tem relação com os conteúdos que se desenvolvem e a interatividade aporta um alto valor agregado como elemento dinamizador no processo de comunicação”.

² Disponível em <http://www.wired.com/news/culture/media/0,71753-0.html>. Acesso em 10/11/2007.

Essas discussões surgiram em torno principalmente de uma questão: podem os blogs praticar o jornalismo?

Na academia, diversos autores questionam-se sobre essa pergunta. A americana Rebecca Blood (2001) afirma que as técnicas jornalísticas não poderiam ser praticadas pelos blogueiros – pelo menos não da forma como foram concebidas inicialmente; Lasica (2002) citou os blogs como uma forma de “jornalismo amador”, em que muito das expectativas profissionais atuais não estarão mais presentes; Wall (2004) vai numa mesma linha ao dizer que eles são como um “mercado informal” do jornalismo, em que a entrada é mais fácil para os “pequenos jogadores” – no caso, os jornalistas-blogueiros.

Num outro lado da discussão, Regan (2003) diz que o surgimento desse tipo de weblog expõe os pontos fracos do jornalismo, mudando muitas das opiniões convencionais sobre quem é o jornalista e o que é o jornalismo; Rosen (2005) diz que eles são como “uma força que abrirá os buracos existentes nas 'muralhas' dos *gatekeepers*, dando um fim ao reino de soberania do jornalismo”³ (Rosen, 2005). Autores como Salaverría (2005) e Aldé & Chagas (2005) apontam ainda para outras questões, indicando o weblog como um novo gênero dentro do jornalismo digital.

Enquanto os pesquisadores de jornalismo buscam compreender o fenômeno dos weblogs, o mercado começa a incorporá-los gradativamente. Grandes grupos de mídia passam a contar, em seus portais, com blogs de seus colunistas mais experientes ou mesmo de editoriais específicas, embora, num primeiro momento, muito deles sejam apresentados como colunas “que mudaram de nome e se tornaram mais dinâmicas, com atualização contínua e a possibilidade de inserção de comentários dos leitores” (Palacios, 2006b). Mesmo com essas limitações, um número considerável de jornais on-line passa a adotar os weblogs como ferramentas de seus sites, “acreditando no poder individual e no interesse do público que busca notícias na internet pelos blogs” (Quadros, Rosa e Vieira, 2005); nos Estados Unidos, 86% dos 100 maiores jornais americanos⁴ utilizam-se de blogs em suas versões na web. No Brasil, não há ainda uma pesquisa que quantifique esses dados, mas uma observação rápida é suficiente para notar que pelo menos alguns dos jornais considerados mais importantes do país (*Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo, Jornal do Brasil, Zero Hora*) mantêm blogs de seus jornalistas em suas versões na rede. Isso sem contar os blogs com informações de relevância jornalística que são editados de forma independente, sem vinculação a grandes portais de mídia, que em países como, Estados Unidos e Inglaterra, passam a ganhar um espaço cada vez maior, com alguns até disputando a audiência com empresas jornalísticas tradicionais.

Blogosfera X campo jornalístico

³ Tradução do Autor: “a force that will ‘blow open holes in the gatekeepers’ firewalls’, and as ending journalism’s reign of ‘sovereignty’ (Rosen, 2005). Disponível em: http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2005/01/21/berk_essay.html. Acesso em 14/11/2007.

⁴ Os resultados completos da pesquisa podem ser vistos no <http://journalism.nyu.edu/pubzone/blueplate/issue1/top100.html>.

A repercussão causada pela aproximação da blogosfera⁵ e do campo jornalístico, juntamente da crescente propagação dos blogs na internet, passou a provocar sérios questionamentos no *habitus*⁶ do campo jornalístico. Alguns recursos utilizados comumente em jornais on-line tradicionais, como a interatividade, têm sua função questionada frente à liberdade com que a blogosfera se utiliza deles e, mais do que isso, os aproveita para criar novas discussões e trazer novas informações. Um exemplo: a facilidade de acesso à criação de um blog – basta um computador com ligação à internet e alguns poucos minutos – pode provocar dúvidas da ordem do hábitat do campo, trazendo uma questão pertinente: como, teoricamente, qualquer informação publicada em um blog pode adquirir status de notícia; quem estaria ocupando o hábitat do campo jornalístico e, portanto, fazendo o papel de agente do campo?

Os questionamentos trazidos ao *habitus* do campo jornalístico pela blogosfera acabam provocando efeitos de várias ordens no mesmo. Palacios (2006a) aponta como sendo oito esses efeitos de aproximação entre a blogosfera e o campo jornalístico. Eles serão explicados a seguir.

1) Subversão do lugar de emissão (“liberação do pólo emissor”);

Por ser gratuito e de fácil acesso, qualquer um pode criar um blog e postar o que quiser nele, inclusive informação de relevância jornalística. Assim, ocorre a liberação do pólo de emissão da informação para qualquer um que tenha o interesse em obtê-lo, não o deixando somente com os agentes do campo jornalístico. Subverte-se o tradicional lugar de emissão; é aberta uma brecha para que outros emissores possam ocupar um espaço que até então não existia, fazendo com que mais pessoas tenham o seu lugar para informar e o use da maneira que achar adequado – muito embora ter esse espaço, por si só, não garanta uma visibilidade significativa a ele.

2) Questionamento do hábitat do campo (“quem são os jornalistas?”);

Não-jornalistas podem adquirir livremente um lugar de emissão da informação jornalística e usá-lo para esse fim sem ter condições teóricas e muitas vezes técnicas para isso. Com a profusão de blogs, cujas informações ganham status jornalístico, haverá necessidade de maior seleção destes por parte dos usuários da web; essa seleção vai se basear, dentre outros fatores auxiliares, no questionamento de quem é que está ocupando o hábitat do campo jornalístico e fatalmente levará à pergunta: o blogueiro é ou não jornalista, ou melhor dizendo, um agente do campo jornalístico?

⁵ A blogosfera é definida por Orihuela como sendo “um espaço anárquico, desierarquizado, informal e descentralizado onde convergem a multiplicidade de culturas, comunidades e tradições para gerar de forma coletiva, distribuída e espontânea informação, opinião e conhecimento” (ORIHUELA, 2006).

⁶ Tanto o conceito de *habitus* quanto o de campo usados aqui são os formulados pelo francês Pierre Bourdieu. De maneira resumida, pode-se definir o *habitus* como sendo “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (apud Setton, 2002), e o campo como “um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior deste espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias” (Bourdieu, 1997:57).

Essa pergunta provocará uma dúvida na ordem do habitat do campo, o que tornará necessário repensar o papel do jornalista a fim de novamente identificá-lo ou não como único agente do campo jornalístico. Como decorrência, é possível que haja uma revisão, ou reordenamento, do *habitus* do mesmo.

3) Mudança nos critérios de noticiabilidade;

Com o acréscimo de novos pólos na emissão da informação jornalística, os critérios utilizados para classificar determinado acontecimento como notícia tornam-se diferentes. Haverá pessoas para além do campo classificando-os, o que já presume que outros interesses podem ser levados em conta na hora de determinar o que é ou não notícia; do outro lado, haverá um maior número de pessoas interessadas em fatos que não ganhariam status de notícia se não houvesse alguém para classificá-las como tal.

Um exemplo simples ajuda a explicar esse e também os dois primeiros efeitos apontados nos subtópicos anteriores: às onze horas da noite, acontece um acidente entre dois carros em frente a um parque importante de uma grande cidade. Devido a uma série de situações parecidas ou de maior gravidade ocorridas no mesmo dia, o jornal local não noticiou o acidente em sua edição do dia seguinte. Um blogueiro X, morador do local, que, no momento da batida violenta dos dois carros, estava na janela de seu apartamento, tirou uma foto do ocorrido. Em poucos minutos, acessou a internet em seu computador pessoal e produziu uma nota sobre o acontecimento, com foto, e a postou em seu blog.

Um também vizinho do local do acidente, assíduo navegador da web, conhecia o blog de X e o acessou; rapidamente, ligou para outros vizinhos pedindo para fazerem o mesmo; estes ligaram para outros conhecidos e, dentre eles, estava um parente de um dos envolvidos na batida. O blogueiro X, em pouco tempo, viu seu post ganhar importância ao ser a única fonte de informação sobre o acidente. Esse exemplo pode trazer algumas questões pertinentes: o blogueiro X postou a informação em seu blog pelo fato de estar perto do local do fato, e essa informação ganhou importância para determinado grupo de pessoas, adquirindo para eles status de notícia. Daí se deduz que a presença de pessoas além do campo classificando fatos como notícia, com interesses diferentes dos agentes do campo, pode reforçar a 'proximidade' como um importante critério de noticiabilidade. O blog X também se beneficiou pela liberação do pólo emissor da informação de relevância jornalística para produzir o seu post, o que exemplifica o primeiro efeito causado pela aproximação da blogosfera e do jornalismo; e o mesmo blogueiro X, que não é jornalista, passou a ocupar, sem se dar conta, um lugar no hábitat do campo jornalístico, o que confirma o segundo efeito.

4) Maior vigilância da mídia tradicional;

Como citado no segundo capítulo, o advento dos blogs de informação de relevância jornalística é decorrente de vários fatores e, dentre os principais, está o fato de que muitas pessoas não estavam contentes com o que era noticiado pelo jornalismo tradicional, cada vez mais distante da realidade por elas observada. A expansão mundial dos weblogs do início da

década possibilitou que muitas pessoas passassem a manifestar essa insatisfação, transformando os seus blogs em “observatórios da imprensa”. Atentos a cada passo da mídia tradicional, eles podem apontar os erros cometidos com mais liberdade do que em outras mídias, transformando-se em poderosos antídotos contra o jornalismo descuidado.

A mídia tradicional, sentindo-se mais fiscalizada, pode optar por critérios mais claros na hora de escolher o que é ou não notícia, assim como em sua relação com o grande público.

5) Ampliação do debate pela via de comentários de usuários;

Da mesma forma como a criação de um blog é feita de forma fácil e rápida, a interatividade dele com o usuário da internet através da ferramenta de comentários também o é. Em grande parte dos blogs existentes, pode-se deixar um comentário apenas clicando no link que é oferecido; por vezes, é exigido que o usuário se cadastre no servidor em que o blog está hospedado, o que prontamente se pode fazer colocando o e-mail e nome da pessoa. Essa facilidade encontrada propicia um aumento do debate entre o produtor da informação de relevância jornalística e o seu leitor, possibilitando que haja maior quantidade e rapidez na troca de informação entre as duas partes.

6) Potencialização do jornalismo público (jornalismo participativo, *grassroots journalism*);

A facilidade já citada de se criar um blog faz com que qualquer pessoa que queira disponibilizar sua informação tenha possibilidade de fazer isso. Dessa forma, cresce ainda mais a possibilidade de qualquer cidadão participar na produção e veiculação da informação, aumentando o potencial do chamado jornalismo participativo⁷ e provocando ainda mais discussões se este novo “cidadão-repórter” pode ou não se tornar agente do campo jornalístico.

7) De audiência a rede;

A relação entre os produtores e os consumidores de notícia no jornalismo de hoje, que ainda tem como esquema predominante o “um-muitos”, pode vir a se tornar “muitos-muitos”, formando assim uma rede mundial de produção e transmissão de conteúdo e informação. O leitor deixa de ser passivo e passa a ser um usuário dessa rede.

As decorrências para o campo jornalístico desta nova relação que se forma são consideráveis. Uma delas é que esta rede de produção de informação – sendo informação de relevância jornalística – pode reivindicar uma posição dentro do campo jornalístico, independente da aceitação ou não dos agentes deste campo (jornalistas), o que pode ocasionar uma redefinição do próprio *habitus* do campo jornalístico.

Essa constatação leva a crer que o jornalismo pode passar por uma transformação de suas normas e leis, incorporando novas características ou modificando as já existentes, e,

⁷ O jornalismo participativo é definido por J.D. Lasica como “o ato de um cidadão ou grupo de cidadãos, desempenhar um papel ativo nos processos de recompilação, cobertura, análise e difusão de notícias e informação” (Lasica, 2003). Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017958873.php>. Acesso em 09/03/2007.

dessa maneira, o campo jornalístico como se conhece hoje poderá passar por uma séria transformação.

8) Novo ecossistema informativo;

Esse efeito diz respeito ao novo sistema de produção de informação citado no subtópico anterior, que prevê a mudança da relação dos produtores e consumidores de informação jornalística de audiência para rede. É ainda uma incógnita como esse novo ecossistema informativo se dará; é possível que ele se forme nos moldes da blogosfera, em que o modelo de circulação “muitos-muitos” fará com que tanto jornalistas quanto blogueiros participem, de maneira conjunta, de uma rede aberta de produção de informação jornalística. Pode se formar assim um fenômeno que transitará à parte pelo campo jornalístico, constituindo-se por meio de uma simbiose de funções e interesses das duas partes envolvidas.

Os oito efeitos citados aqui questionam o *habitus* do campo jornalístico; esse questionamento traz como consequência a criação de diretrizes para o alargamento do campo. Palacios (2006a) apresenta três diretrizes principais, que vão ser detalhadas no próximo tópico.

Alargamento do Campo Jornalístico

Até aqui, viu-se que a blogosfera – um espaço anárquico, informal, em que ocorrem múltiplas conversações entre os blogs e a cultura que eles geram – aproximou-se do campo jornalístico como um fenômeno disperso, não organizado, e produziu efeitos de várias ordens no *habitus* desse campo. Como consequência dos efeitos, três diretrizes para o aumento do campo jornalístico foram pensadas, apontando direções para o alargamento do mesmo. Os esquemas a seguir (figura 1) exemplificam visualmente como se dá esta situação:

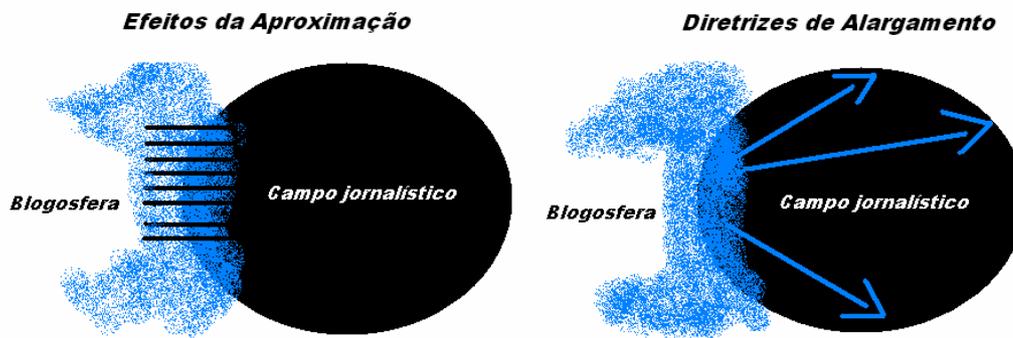


Figura 1: Efeitos da aproximação e diretrizes de alargamento do campo.

Fonte: Foletto (2007:44).

A seguir, serão apresentadas as três diretrizes:

1) Jornalismo difuso;

“Jornalismo difuso” é o nome dado por Palacios ao uso do blog como instrumento de reportagem – ou de um testemunho, de uma crônica – de determinado local onde fatos de extrema relevância jornalística estão acontecendo. É dada a voz aos que estão na “cena do crime”, vendo com seus próprios olhos a realidade que lhes é oferecida para enxergar. Os blogueiros utilizam sua posição privilegiada em determinado local para noticiar aquilo que vêem de forma mais direta, pessoal, o que acarreta não respeitar todas as normas do campo jornalístico. A apuração, que acaba sendo de menor qualidade, é compensada pelo maior uso da opinião do blogueiro que, estando no local dos acontecimentos, tem a possibilidade de melhor contextualizar a sua informação com ações que o jornalismo tradicional não teria interesse, condições e liberdade para fazer, como, por exemplo, ouvir todo o tipo de pessoas (mesmo que elas não sejam categorizadas como “fontes confiáveis”) e usar a primeira pessoa para relatar uma experiência vivida.

Exemplo prático do jornalismo difuso são os warblogs, blogs que tem como foco central a questão da guerra criados por pessoas que estão nos locais onde ocorrem conflitos armados. Esses blogs, como citado anteriormente, foram responsáveis pelo aumento da visibilidade e da influência da blogosfera no jornalismo ainda em 2003, quando o seu uso foi bastante comum em decorrência da proximidade da Guerra do Iraque e da invasão americana ao Afeganistão.

Palacios (2006a) aponta como principal força desse tipo de jornalismo a multivocalidade presente nele e o testemunho direto com que seus autores se propõem a fazer. Como fraqueza, sinaliza a “incapacidade de fornecer um contexto interpretativo de maneira que a chuva de informações possa adquirir significado e transformar-se em conhecimento” (Palacios 2006a), daí surgindo, também, o nome “difuso” da classificação.

2) Jornalismo de recuperação da informação residual (“jornalismo lateral”);

É o tipo de jornalismo que se dispõe a dar visibilidade a notícias, eventos e fatos que não ganham relevância oportuna na mídia tradicional. O advento dos blogs como novos pólos de emissão da informação jornalística dentro do campo possibilita maior diversidade de assuntos e acontecimentos que poderão vir a ser classificados como notícias, o que, logicamente, traz consigo uma diferença nos critérios de noticiabilidade usados até então.

De início, com o maior número de pessoas publicando em seus blogs fatos e acontecimentos com valor noticioso, outros interesses serão levados em conta na hora de determinar o que é ou não notícia. Assim, tanto aquilo que hoje é descartado pela mídia tradicional – por exemplo, o caso do acidente usado no terceiro efeito no *habitus* causado pela aproximação do campo jornalístico e da blogosfera – como também os fatos que não foram aproveitados de uma forma adequada por essa mesma mídia podem ser utilizados pelos blogueiros, o que pode levar a mais fatos serem considerados como notícias.

O aumento de produção de notícias fora do campo jornalístico propicia também maior diversidade de informações noticiosas produzidas. Como consequência, é ampliada a percepção de que existem mais informações com valor noticioso do que a mídia hoje mostra. É o advento do chamado “jornalismo lateral”, que traz novos fatos para o cidadão, acostumado com o jornalismo “horizontal” produzido pela mídia tradicional.

3) Jornalismo de aprofundamento da colaboração (“jornalismo colaborativo”);

A capacidade conversacional dos blogs por meio da blogosfera traz a possibilidade de se produzir uma informação de relevância jornalística em que mais pessoas estejam envolvidas em sua produção, e até mesmo na sua apuração. Isso ocorre de duas formas: através da ferramenta de comentários, e, principalmente, dos links, que possibilitam uma interligação de diversas pessoas, ao mesmo tempo, apurando e complementando a informação praticamente até o seu esgotamento completo.

Um dos resultados dessa colaboração é o aprofundamento de assuntos que ela pode trazer, na medida em que mais pessoas trabalhando na abordagem do fato proporcionarão maior riqueza de detalhes ao apresentá-lo como notícia. Outra decorrência é que a permanência da notícia em um circuito que se retroalimenta constantemente pela multiplicidade de vozes faz com que novas perspectivas e olhares sempre possam ser acrescentados.

Como as perspectivas apontam uma web cada vez mais rápida e fácil de usar nos próximos anos, o potencial de crescimento desse tipo de jornalismo de aprofundamento da colaboração só tende a crescer.

Conclusão

As três diretrizes de alargamento do campo jornalístico aqui mostradas são decorrências diretas dos efeitos causados pela aproximação entre a blogosfera e o campo jornalístico. Apesar de estarem apresentadas de forma separada, pode-se notar que elas apontam para o mesmo sentido: o de buscar uma maior interação entre os diferentes agentes de uma sociedade, de tornar o jornalismo mais articulado – o que acarreta uma apresentação dos fatos de maneira mais complexa em relação à forma simplificada e reducionista que predomina hoje. A esse tipo de jornalismo mais praticado hoje, que está dentro do campo sendo pressionado pela blogosfera, Mar de Fontcuberta (2006) chama de “jornalismo mosaico”.

É um tipo de jornalismo que não atende a todas as necessidades da sociedade complexa atual, em que os fenômenos sociais estão “a cada dia mais inter-relacionados, e onde a busca do isolamento de cada um destes a fim de se achar uma solução única e, portanto, simples, leva a ocultar toda a realidade que se pretende solucionar” (Morin, 2005:12). Em contraponto a esse tipo de jornalismo, compartimentalizado, organizado como um sistema fechado em si mesmo, a autora propõe que o jornalismo desejável hoje deva responder às características de um sistema aberto, que está em contínua relação com o entorno no qual se desenvolve, recebendo informação desse entorno e lhe dando a resposta possível. É então que Fontcuberta (2006) apresenta o conceito de jornalismo sistema, como aquele que não isola os acontecimentos, mas os organiza em um contexto determinado que estabelece uma gama de interações com seus receptores, contribuindo assim na construção do sentido e na compreensão da realidade:

O jornalismo sistema explica processos em que os fatos aparentemente novos ou inesperados são sucessivas pontas de muitos icebergs sociais cujas partes ocultas nunca foram suficientemente mostradas. E, para isso, ele sabe que as notícias necessitam ser explicadas, analisadas e interpretadas desde seu princípio (ou desde sua eclosão a luz pública) até o fim. (...) Isso significa, em primeiro lugar, a busca da máxima transparência na produção de pautas jornalísticas e nos critérios empregados para a adoção ou não das mesmas; (...) implica oferecer uma explicação e um seguimento dos fatos noticiáveis que leve em conta o processo de seu desenvolvimento desde todas as perspectivas necessárias para sua compreensão pluridimensional⁸ (Fontcuberta & Borrat, 2006:42).

Em outras palavras, é uma proposta para se adotar o pensamento complexo no campo jornalístico; buscar fazer um jornalismo complexo para uma sociedade complexa, na qual,

⁸ “El periodismo sistema explica procesos en los que los hechos aparentemente nuevos o inesperados son las sucesivas puntas de muchos icebergs sociales cuyas partes ocultas nunca fueron lo suficientemente mostradas. Y para ello sabe que las noticias necesitan ser explicadas, analizadas e interpretadas desde su principio (o desde su eclosión a la luz pública) hasta su fin.(...) Ello significa en primer lugar la búsqueda de la máxima transparencia en la producción de sus pautas periodísticas, en los criterios empleados para la inclusión (...) Implica ofrecer una explicación y un seguimiento de los hechos noticiables que tenga en cuenta el proceso de su desarrollo desde todas las perspectivas necesarias para su comprensión pluridimensional.” [Tradução do autor]

essencialmente, o público deixa de ser simples consumidor de uma mercadoria rígida para passar a ser um participante desse sistema que seria adotado na produção de notícias-

É no sentido do jornalismo sistema que apontam as três diretrizes de alargamento do campo jornalístico ocasionadas pela blogosfera. Transformar o consumidor em participante, usar diferentes estratégias – como os testemunhos pessoais, por exemplo – a fim de buscar uma contextualização maior dos acontecimentos, trazer novos fatos à tona para propor uma explicação mais coerente com a realidade complexa que se apresenta aos cidadãos: são todos recursos que os blogs produtores de informações de relevância jornalística estão trazendo ao jornalismo tradicional.

Pode-se dizer que os blogs estão trazendo isso também porque eles próprios são frutos diretos de uma resposta à reivindicação da sociedade atual por uma informação mais complexa. O advento do uso dos weblogs como fonte de informação de relevância jornalística, em 2001 veio para responder a uma demanda da sociedade de ter outras visões dos acontecimentos, articulando os fatos como um todo e explicando o contexto em que eles estão inseridos.

A questão ainda a ser estudada e debatida é de que forma esse jornalismo sistema pode ser aplicado na prática, no dia-a-dia do jornalismo. Se ele é fruto de uma reivindicação da sociedade por um jornalismo mais complexo, articulado e não tão reducionista e simplista, como que, na prática, se dará essa configuração? Como transformar o consumidor em usuário de um sistema de produção de notícias sem que o mesmo não perca a credibilidade e adote procedimentos que não estão no *habitus* do campo jornalístico? Ou mesmo o *habitus*, não terá ele que se “adaptar” a esse sistema complexo, tendo de passar por mudanças que tocam diretamente no seu âmago?

São questões que, por ora, não encontram respostas. A busca por elas, aliada à expansão da web para cada vez mais lugares e pessoas distintas, é que possivelmente provocará o surgimento de algumas hipóteses mais consistentes para explicar a situação. Como diz Orihuela (2006), “os blogs abriram a porta para que as pessoas se convertam em protagonista dos processos comunicativos. Mas mais além dos blogs se estende o fenômeno de todos os meios sociais, e isso não é uma moda nem uma tendência, mas uma mudança de paradigmas que não tem mais volta”.

Referências

ALDÉ, A.; CHAGAS, V. “Blog de política e identidade jornalística (transformações na autoridade cognitiva e na relação entre jornal e leitor)”. In: *Pauta Geral*, n.7. Salvador: Calandra, 2005.

ALONSO, J.; MARTINEZ, L. “Medios interactivos: caracterización y contenidos”. In: ALIAGA, R. S.; DÍAZ NOCI, J. *Manual de redacción ciberperiodística*. Barcelona: Ariel, 2003.

ANDREWS, R. *9/11: Birth of Blogs*. (2006). Disponível em: <http://www.wired.com/news/culture/media/0,71753-0.html>. Acesso em 10/11/2007.

ARAÚJO, A. V. "Weblogs e jornalismo: os casos de *No Mínimo Weblog* e *Observatório da Imprensa* (Bloi). Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes. Dissertação de Mestrado, 2006.

BLOOD, R. *Weblogs: a history and perspective*. (2001). Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em 01/08/2006.

_____. *We've got blog: how weblogs are changing our culture*. Cambridge (USA): Perseus, 2002a.

_____. "Weblogs and journalism in the age of participatory media". (2003). Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblogs_journalism.html. Acesso em 19/05/2007.

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DOVIGI, M. *Blog: Il tuo pensiero online con un clic*. Milano: Apogeo, 2003.

FOLETTI, L. "Os weblogs como propulsores do alargamento do campo jornalístico". Universidade Federal de Santa Maria. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo), 2007. Disponível em: http://rapidshare.com/files/158089846/Monografia_Completa.pdf.html. Acesso em 20/01/2008.

FONTCUBERTA, M. de; BORRAT, H. *Periódicos: sistemas complejos, narradores em interacción*. Buenos Aires; La Crujía, 2006.

GILLMOR, D. *Nós, os média*. Lisboa; Presença, 2004.

GRANIERI, G. *Blog Generation*. Roma: Laterzi, 2005.

HILER, J. "Blogosphere: the emerging Media Ecosystem. How Weblogs and Journalists worktogether to Report, Filter and Break the News". (2002). Disponível em: <http://www.microcontentnews.com/articles/blogosphere.htm>. Acesso em: 15/10/2007.

LASICA, J.D. *Blogging as a form of journalism*. (2002). Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017958873.php>. Acesso em: 9/03/2007.

_____. *What is participatory journalism?*. (2003). Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1060217106.php>. Acesso em 12/02/2007.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre; Sulina, 2005.

OLIVEIRA, R. M. C. de. "Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade". Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. Dissertação de mestrado, 2002. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarrios-publicos-mundos-privados.pdf> . Acesso em 28/02/2005 .

ORIHUELA, J. L. "Weblogs: el medio y el mensaje". *Nuestro Tiempo*, n. 601-602, p. 48-53, júlio-agosto de 2004.

ORIHUELA, J. L.; ALONSO, J.; ANTÚNEZ, J. L.; ORDUÑA, O. I. R.; VARELA, J. *Blogs: la conversación en internet que está revolucionando medios, empresas y a ciudadanos*. Madri: ESIC, 2005.

PALACIOS, M. "Alargamiento del campo periodístico na era del blogging". Trabalho apresentado em colóquio na Universidade Nacional de Córdoba. Córdoba: dezembro de 2006a.

_____. "Blogsfera e jornalismo on-line no Brasil ou porque Noblat, Josias e cia. não fazem Blogs. LUPA, FACOM/UFBA. (2006b). Disponível em: http://docs.google.com/View?docid=adf4grpvm38_28gc7rm9. Acesso em: 16/11/2007.

QUADROS, C. I.; ROSA, A. P.; VIEIRA, J. "Blogs e as transformações no jornalismo". Revista da *E-Compós*, n. 3, agosto de 2005. Disponível em www.compos.com.br/e-compos. Acesso em: 28/11/2007.

RECUERO, R. "Warblogs: os blogs, a Guerra do Iraque e o jornalismo on-line. (2003). Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/warblogs.pdf>. Acesso em: 13/11/2006.

REGAN, T. "Weblogs threaten and inform traditional journalism". (2003). Disponível em: <http://www.nieman.harvard.edu/reports/03-3NRfall/68-70V57N3.pdf>. Acesso em: 02/11/2007.

ROSEN, J. Bloggers vs. journalists is over. Disponível em: http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2005/01/21/berk_essay.html. Acesso em 14/11/2007.

SALAVERRÍA, R. *Redacción periodística en internet*. Pamplona: EUNSA, 2005.

SETTON, M. da G. "A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea". (2002). Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe20/anped-20-04.pdf>. Acesso em 11/02/2007.

WALL, M. "Blog as black market journalism: a new paradigm for news". (2004). Disponível em: <http://bcis.pacificu.edu/journal/2004/02/wall.php>. Acesso em 03/12/2007.

SITES

Entrevista com José Luis Orihuela. (2006). Disponível em: <http://www.andresmilleiro.info/blog/entrevista-a-jose-luis-orihuela>. Acesso em 07/01/2007.